

SEÇÃO
DOSSIÊ

**A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA
METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da
cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009**

**UNDERGROUND TERRITORIALIZATION IN THE
METROPOLIS: a spatiotemporal analysis of the territories of
Hip-Hop culture in Belo Horizonte between the years 1990-2009**

**TERRITORIALIZACIÓN *UNDERGROUND* EN LA
METRÓPOLIS: un análisis espacio-temporal de los territorios de
la cultura Hip-Hop en Belo Horizonte entre los años 1990-2009**

 [Glaycon de Souza Andrade e Silva](#)¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas),
Minas Gerais, Brasil.

e-mail: glaycongeografia@gmail.com

¹ Doutorando, como bolsista CAPES, em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial (PPGG-TIE) da PUC Minas. Mestre em Geografia – Tratamento da Informação Espacial pelo PPGG-TIE da PUC Minas. Bacharel e Licenciado em Geografia pela PUC Minas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Resumo

Investigar a cultura Hip-Hop pelo viés da ciência geográfica é uma temática emergente e compõe um campo da ciência denominado de Geografia Marginal, e almeja, principalmente, alcançar uma visibilidade dessa cultura suburbana no debate acadêmico e científico. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo compreender a evolução espaço-temporal da cultura Hip-Hop ao longo de duas décadas, desde 1990 até 2009, na cidade de Belo Horizonte. Para tanto, a metodologia se baseou no levantamento de dados secundários e na confecção de cartografias dos territórios undergrounds na capital mineira. De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, pode-se inferir que ao longo do espaço-tempo houve processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização dos territórios do Hip-Hop, verificando-se a tendência de estabelecimento de territórios em espaços públicos tanto centrais quanto periféricos da cidade, e, além disso, nota-se que há espaços privados que possuem capacidade de reconhecer e agregar essa cultura junto ao cenário cultural underground belo-horizontino.

Palavras-chave

Hip-Hop; Belo Horizonte; Territórios; Geografia.

Abstract

Investigating Hip-Hop culture from the perspective of geographic science is an emerging theme and makes up a field of science called Marginal Geography, and, mainly, aims to achieve a visibility of this suburban culture in the academic and scientific debate. In this sense, this study's main purpose is to understand the spatiotemporal evolution of Hip-Hop culture over two decades, from 1990 to 2009, in the city of Belo Horizonte. To achieve this, the methodology was based on the survey of secondary data and the creation of cartographies of underground territories in the capital of Minas Gerais. According to the results obtained in the research, it can be inferred that over space-time there were processes of territorialization, deterritorialization and reterritorialization of Hip-Hop territories, where there is a tendency for them to be established in both central and peripheral public spaces of the city, and, in addition, it is noted that there are private spaces that have the capacity to recognize and aggregate this culture with the underground cultural scene in Belo Horizonte.

Keywords

Hip-Hop; Belo Horizonte; Territories; Geography.

Resumen

Investigar la cultura Hip-Hop a través del sesgo de la ciencia geográfica es un tema emergente y conforma un campo de la ciencia denominado Geografía Marginal, y pretende, principalmente, lograr la visibilidad de esta cultura suburbana en el debate académico y científico. En ese sentido, el presente estudio tiene como objetivo comprender la evolución espacio-temporal de la cultura Hip-Hop a lo largo de dos décadas, de 1990 a 2009, en la ciudad de Belo Horizonte. Para eso, la metodología se basó en la recolección de datos secundarios y en la creación de cartografías de los territorios subterráneos en la capital de Minas Gerais. De acuerdo a los resultados obtenidos en la investigación, se puede inferir que a lo largo del espacio-tiempo se han dado procesos de territorialización, desterritorialización y reterritorialización de los territorios del Hip-Hop, verificándose la tendencia a establecer territorios en los espacios públicos tanto centrales como periféricos de la ciudad y, además, se advierte que existen espacios privados que tienen la capacidad de reconocer y sumar esta cultura a la escena cultural subterránea de Belo Horizonte.

Palabras-clave

Hip-Hop; Belo Horizonte; Territorios; Geografía.

Introdução

O espaço urbano contemporâneo é concebido, para além de sua materialidade, por inúmeros atores e grupos sociais heterogêneos que estabelecem relações de trocas, usos e interdependências com a finalidade de constituir relacionamentos e convenções sociais basilares para a convivência em sociedade. No seio desses convívios, nota-se que há verdadeiras relações de poder em que se têm atores hegemônicos que agem no controle

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

tanto das estruturas sociais quanto da coletividade. Logo, há uma porção de indivíduos que são dominados por encontrar-se à margem desse processo e, em muitos casos, até excluídos dele.

Contudo, diante dessa organização societária hierárquica e desigual, nota-se o levante de atores e coletivos que objetivam questionar, subverter e transformar essa condição social, como é o caso da cultura Hip-Hop que busca fomentar a formação educacional, política e artística de seus membros a fim de garantir justiça, igualdade, paz, amor, diversão e conhecimento, como preconiza a Universal Zulu Nation. Para alcançar uma sociedade democrática e uma cidade mais inclusiva para todos, o Hip-Hop possui quatro elementos artísticos que fomentam alcançar esse propósito, são eles: o Disc Jockey (DJ), o Mestre de Cerimônia (MC), o *graffiti* e o *break dance*. Logo, percebe-se que o Hip-Hop, um notável representante da contracultura.

O Hip-Hop surge nos Estados Unidos da América (EUA) no início da década de 1970 enquanto um movimento cultural, tendo suas primeiras manifestações por meio da realização de bailes, dos quais alguns exemplos são as *Block Parties*, *Party* e a *Flava Jam 2002*, que ocorriam em quadras, becos, ruas, parques, galpões e outros espaços públicos dos bairros nova iorquinos do Bronx, Brooklyn e Harlem. Nesse sentido, nota-se que os territórios fundantes da cultura se tratavam de espaços comuns da cidade devido à falta de receptividade dos estabelecimentos privados que, em muitos casos, eram aversos as manifestações artísticas do Hip-Hop, resultado de um estigma social perante a juventude negra.

Ainda sobre os bailes, a principal intenção eram cumprir a finalidade de válvulas de escape para a juventude afro-americana que se encontrava assolada por problemáticas sociais e urbanas, como a violência, o tráfico de drogas, o desemprego, a ausência de políticas, e, em uma escala mais ampla, a profunda recessão econômica do pós Segunda Guerra, a falência da cidade de Nova York e o reordenamento urbano que colocou abaixo inúmeros conjuntos habitacionais que abrigavam as classes sociais menos abastadas (TURRA NETO, 2013).

Com o passar do tempo, superando a finalidade inicial de entretenimento, o Hip-Hop atinge status e se consolida como cultura negra suburbana por meio da articulação de Kevin Donovan, conhecido como Afrika Bambaataa, que fundou a *Universal Zulu Nation* se baseando nas influências políticas advindas dos líderes negros e movimentos dos direitos civis da época. A entidade se trata de uma organização não governamental com o objetivo de promover a união dos quatro elementos da cultura, compartilhar conhecimentos com as *Infinity Lessons* em palestras e aulas, atividades artísticas e, principalmente, disseminar o Hip-Hop por todo o mundo (LEAL, 2007).

Desta maneira, a cultura Hip-Hop alcança todos os continentes e é assimilada culturalmente em inúmeros países do globo, de modo que no caso brasileiro não foi diferente. No contexto nacional, o Hip-Hop chega ao Brasil no início da década de 1980, em um período marcado pela repressão do regime ditatorial. As primeiras manifestações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

da cultura ocorreram nas capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (BH) com a chegada dos primeiros conteúdos do Hip-Hop estadunidense, com filmes, clipes, revistas, discos e vestimentas divulgados pela indústria midiática ou pelos adeptos que viajavam para os EUA e voltavam com as bagagens repletas de artigos da cultura. Além disso, os Bailes *Black's*, promovidos pelo pessoal da *black music*, reproduziam músicas de *disco*, *soul*, *funk* e *rap* que embalavam a juventude negra e periférica da época (BORRI, 2015). Contudo, é importante destacar que a principal cena acontecia na capital paulista devido ao fato desta ser a metrópole nacional, sendo assim o núcleo catalisador que propaga o Hip-Hop para as demais cidades, interiorizando-o pelo Brasil.

No caso brasileiro, assim como ocorreu nos EUA, verifica-se territorializações iniciais acontecendo em espaços públicos e, em certos casos, espaços alternativos da urbe. Tal fato foi constatado em São Paulo, onde jovens provenientes de diversos bairros da cidade, em sua maioria periféricos, se deslocavam para a Estação São Bento e a Galeria 24 de Maio, territórios fundantes do Hip-Hop nacional, para praticarem o *break dance*, o *graffiti* e apresentações de rap com DJs e MCs, promovendo trocas e disseminando a cultura.

Além disso, no período de eclosão da cultura, os espaços privados que recebiam as vertentes artísticas do Hip-Hop se tratavam de locais que possuíam uma pegada mais *underground* dentro do universo cultural, sendo alguns desses locais: casas de show, boates, discotecas, bares, clubes e centros culturais. Com a intenção de fortalecer o movimento, nota-se que diversos desses espaços alternativos, seja em âmbito local, nacional ou internacional, abriram suas portas para o Hip-Hop e demais culturas suburbanas entendendo a relevância de suas manifestações e visando romper com a lógica da cultura de massa imposta pelo capitalismo, subverter valores tradicionais e contrariar padrões da sociedade conservadora.

Logo, diante desse panorama cultural, nota-se que a cultura Hip-Hop sofre com uma tendência histórico-social de segregação promovida por certos segmentos conservadores e tradicionais da sociedade contemporânea a fim de minar as práticas artísticas dos elementos desta cultura, tais como o *graffiti*, a dança e a música. Esse dilema da segregação socioespacial não se restringe somente à capital mineira, havendo reverberações semelhantes em outras metrópoles nacionais, como por exemplo: São Paulo, como evidenciado nas pesquisas de Gomes (2008) e Gomes (2012) que analisaram os usos do território paulistano pelo Hip-Hop, e no Rio de Janeiro, destacados nos trabalhos de Oliveira (2004; 2006) que analisou o espaço urbano carioca à partir dos traços territoriais e a compreensão espacial dos membros do Hip-Hop, negros e pobres, e cidades internacionais, como é o caso de Nova York e Los Angeles (LEAL, 2007; TEPERMAN, 2015), resultante de uma interpretação discriminatória do Hip-Hop por se tratar de uma cultura suburbana vinculada a um segmento majoritariamente negro e periférico da sociedade urbana contemporânea.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Sobre essa breve descrição da limitação espacial, observa-se que os territórios possuem a tendência de serem constituídos em espaços marginais da cidade, demonstrando que os coletivos e membros do Hip-Hop necessitam negociar ou, em alguns momentos, até disputar a utilização e territorialização com outras culturas suburbanas, grupos e transeuntes que perpassam esses territórios. Em algumas oportunidades, verifica-se a sobreposição destes territórios por grupos pertencentes às culturas suburbanas que dividem o mesmo lugar, como é o caso dos grafiteiros e skatistas.

Diante dos desafios enfrentados pelos membros da cultura Hip-Hop para ocupar e coexistir na cidade, o presente estudo dedica-se a identificar e caracterizar os territórios do Hip-Hop e o processo de territorialização que se desenrola no meio urbano. Nesse sentido, o objetivo principal é compreender a evolução espaço-temporal da cultura Hip-Hop ao longo de duas décadas, desde 1990 até 2009, na cidade de Belo Horizonte. Para tal, são traçados os seguintes objetivos específicos: identificar e caracterizar os territórios formados pelos membros do Hip-Hop na capital belo-horizontina ao longo de cada década; compreender as relações socioculturais dos sujeitos pertencentes a cultura que condicionam as apropriações mantidas nesses espaços e, por fim, analisar espacialmente a distribuição territorial do Hip-Hop local a partir dos territórios fundamentais identificados.

A hipótese levantada neste estudo é de que, dada a natureza estigmatizada do movimento Hip-Hop e o rechaço dos setores hegemônicos da cidade, a sua existência se deu a partir da territorialização de espaços periféricos e negligenciados da cidade a fim de superar as limitações espaciais impostas pela discriminação cultural e socioespacial, e, além disso, as sobreposições territoriais com outros grupos culturais. Desta forma, os membros e coletivos do Hip-Hop priorizam a ocupação de espaços públicos e privados que se localizam em porções marginais de BH, salienta-se que tais espaços podem estar posicionados em regiões centrais, pericentrais e periféricas da cidade.

Neste sentido, pode-se pressupor que encontros e demais eventos da cultura são realizados tanto nas periferias, onde historicamente emergiu o Hip-Hop e residem seus membros, quanto em locais alternativos situados na área central da cidade. Logo, os territórios tendem a apresentar-se espacialmente dispersos por todo o espaço urbano da capital mineira, a fim de manter um vínculo de pertencimento geográfico com seus locais de origem e, também, estabelecer novas territorialidades.

Em vista do reconhecimento cultural do Hip-Hop local, justifica-se esse estudo devido à escassez de investigações dentro do campo da Geografia que trabalhem com a cultura Hip-Hop belo-horizontina e, além disso, nota-se o ineditismo científico ao dar destaque à distribuição espacial e temporal dos territórios enquanto elementos fundamentais desta cultura suburbana que emerge no seio da metrópole com a intenção de reafirmar sua notoriedade reivindicatória e subversiva diante dos setores hegemônicos e conservadores da sociedade.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

O artigo encontra-se dividido em cinco seções: primeiramente, nesta introdução aborda-se brevemente a história da cultura Hip-Hop em diferentes escalas apresentando suas características culturais, sociais e políticas que são caras ao estudo; a segunda seção trata dos aportes teóricos conceituais que elucidam as discussões sobre os conceitos de ‘cultura’, ‘contracultura’ e ‘cultura suburbana’, assim como as categorias geográficas de ‘espaço público’, ‘território’, ‘territorialização’ e ‘territorialidade’; a terceira seção explicita o percurso metodológico do levantamento de dados secundários e a produção dos mapeamentos que subsidiaram as análises; na sequência apresenta-se os resultados e discussões analíticas espaciais sobre o fenômeno cultural do Hip-Hop local; por fim, discutem-se as considerações finais deste estudo, promovendo a aproximação entre a Geografia, Música e cultura, sendo o Hip-Hop o elemento catalisador para uma leitura alternativa do espaço urbano.

Aportes teóricos conceituais

No presente estudo, busca-se tratar das apropriações territoriais do Hip-Hop que se materializam nos encontros e eventos em espaços da cidade, prioritariamente públicos, possibilitando a congregação de artistas e membros da cultura por meio das manifestações artísticas. Nesse sentido, o Hip-Hop representa um fenômeno de contracultura que promove a disseminação de saberes através de seus quatro elementos e resistência urbana pelo ato de ocupação territorial dos locais subutilizados ou esquecidos da cidade. Desta maneira, são caros os conceitos supracitados, dado que a investigação se encontra associada à corrente humanista da Geografia Cultural, que objetiva realizar análises geográficas espaciais de uma cultura suburbana.

Inicialmente, deve-se esclarecer acerca da definição do conceito de ‘cultura’, termo exaustivamente trabalhado em diversas Ciências Humanas, possuindo inúmeros significados e entendimentos que variam de acordo com o campo de conhecimento ou a finalidade investigativa para qual o termo é empregado. De acordo com Laraia (2006, p. 28), a definição mais popular pertence à Antropologia e foi cunhada por E. B Tylor, que interpreta a cultura “como sendo todo o comportamento aprendido, sem associação com traços genéticos”. Tal definição é tida como muito sintética, e veio a ser reformulada por outros teóricos, como é o caso de Geertz (2008, p. 4), que esclarece que “não se trata de uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Se aproximando de uma análise mais humanística que enfoca nas relações humanas a partir das experiências, trocas, hábitos e significados dos sujeitos.

No campo da Geografia, o conceito de ‘cultura’ também passou por diversas redefinições ao longo do tempo. Segundo Corrêa (2009), é possível identificar duas perspectivas desse entendimento: primeiro, tem-se na Geografia Cultural saueriana da Escola de Berkeley que considera a cultura como uma entidade supraorgânica; e segundo, na perspectiva da denominada Geografia Cultural renovada, em que prevalece a visão de cultura como restrita de acordo com o progresso e o papel que a mesma desempenha na

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

sociedade. Em suma, dentre a pluralidade conceitual do termo, a definição que mais se aproxima e dialoga com o fenômeno aqui estudado é a holística interpretação de Paul Claval (2007), que traz aspectos das relações entre cultura, vida social, poder, espaço e paisagem. Nesse sentido, o autor desenvolve um apanhado geral que dialoga desde a Geografia Cultural clássica, passando pela escola possibilista até chegar na Geografia renovada com a modernização que teceu novos modos de relação entre o sujeito e o meio (CLAVAL, 2007).

É fundamental trazer esse parecer sobre o conceito de ‘cultura’, desde uma forma mais ampla com definições interdisciplinares e mais especificamente na Geografia, pois o escopo analítico trabalha com uma cultura suburbana que é o Hip-Hop. Contudo, sabe-se que o Hip-Hop sempre ocupou historicamente uma posição contra-hegemônica que surgiu nos subúrbios estadunidenses diante de um cenário marcado pelo racismo, violência, desemprego, problemas estruturais urbanos, segregação socioespacial e ausência de políticas públicas que afetavam diretamente a população negra e latina (TURRA NETO, 2013; TEPERMAN, 2015).

Diante disso, o Hip-Hop ganha a adesão dos jovens afro-americanos, que descobriram nesse movimento cultural uma válvula de escape das mazelas cotidianas por meio das *Block Parties* que agitavam os bairros nova-iorquinos sob o comando dos DJs e MCs. Além do divertimento, o Hip-Hop desde o início esteve comprometido com as questões políticas e sociais a favor das minorias, tecendo duras críticas ao poder vigente e as ações arbitrárias do Estado. De acordo com Hobsbawm (1995), foi nas décadas de 1950 e 60 que essa tomada de consciência foi despertada na juventude, por meio do conhecimento e ousadia, no pós Segunda Guerra Mundial com uma visão crítica ao modo de governança então vigente. Assim, esse levante de jovens ficou conhecido como ‘contracultura’, que se trata de uma postura ideológica tendo por intuito o protesto, a rebeldia e a revolução para superação de ideologismos repressivos, da alienação, consumismo e a cultura de massa.

Sob esse aspecto, Maciel (1973), afirma que a contracultura pode ser também uma postura de crítica radical e libertária em face do descontentamento com a cultura convencional. Segundo Martínez (2012) apoiado nas contribuições do teórico Theodore Roszak (1972):

Por “contracultura” devem ser pensados todos os fenômenos daqueles anos (e alguns imediatamente anteriores): oposição à guerra de Vietnam, movimentos pelos direitos civis, o chamado “amor livre” e o uso de drogas psicodélicas na procura de uma “expansão da consciência”, entre outros, não como fatos isolados, mas como gestos de uma dissensão radical e de grande inovação cultural. [...] a “contracultura” não teria nascido apenas do desconforto econômico de algumas pessoas ou classes. Ela reflete uma rejeição radical dos valores herdados de seus antepassados mais próximos. (MARTÍNEZ, 2012, p. 152)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Desta maneira, o Hip-Hop se enquadra nessa ideologia de contracultura estando vinculado aos Movimentos dos Direitos Civis dos Negros e líderes políticos afroamericanos da época, a fim de contrapor os atores hegemônicos em busca de igualdade (CONTADOR; FERREIRA, 1997). É notório o comprometimento ideológico e revolucionário em todas as manifestações artísticas dos quatro elementos da cultura, com destaque para o gênero musical e o *graffiti*, permeados de conteúdo contestatório e politizado. Pereira (1983) elucida que o surgimento da contracultura esteve vinculado às Artes, como por exemplo a música.

Em linhas certamente muito gerais, este é o pano de fundo contra o qual vemos florescer toda a cultura jovem dos anos 60, batizada com o rótulo de contracultura. Esta, por sua vez, se concretizou através de inúmeras manifestações surgidas em diferentes campos, como o das Artes, com especial destaque para a música, ou melhor, para o *rock*; o da organização social, aparecendo em primeiro plano a ênfase dada pelo movimento *hippie* à vida comunitária, na cidade ou no campo; e, ainda, o da atuação política. (PEREIRA, 1983, p. 40)

Ainda sobre o aspecto musical relacionado a contracultura, Maciel (1973), complementa.

Do ponto de vista estritamente musical, a obra de Hendrix encerra a grande lição cultural do *rock*. Foi essa música que praticamente estabeleceu o método fundamental de criação da contracultura. Consiste basicamente em recolher o lixo da cultura estabelecida, o que é, pelo menos, considerado lixo pelos padrões intelectuais vigentes, e curtir esse lixo, levá-lo a sério como matéria-prima da criação de uma nova cultura. (MACIEL, 1973, p.141)

Como pode ser visto, a cultura Hip-Hop possui traços revolucionários que se expressam por meio de seus quatro elementos, definindo-a como uma contracultura potente de um caráter predominantemente urbano. Historicamente, o Hip-Hop atua no cenário *underground* cultural com a intenção de ser um contraponto à cultura de consumo, rompendo com os padrões comerciais e estando distante dos holofotes da indústria midiática de massa. Nesse sentido, o Hip-Hop seguiu por uma via marginal da arte, tendo como principal palco ‘a rua’, ocupando, prioritariamente, espaços públicos da cidade para divulgar suas vertentes artísticas, como é o caso dos shows de rap, eventos de *break dance* e festivais de *graffiti*. Logo, o espaço urbano público é fundamental pois é dotado de elementos valiosos para essa cultura marginal. Gomes (2018) destaca três elementos:

São expressões claras desses acordos e compromissos que regulam comportamentos, fluxos, funções, condições de acessos em diferentes circunstâncias e são derivados de direitos e deveres socialmente e republicanamente estabelecidos. Esse tipo de **normatização** constitui, pois, a qualidade primeira desse espaço e um dos seus componentes essenciais. 2) O segundo elemento central de um espaço público é a **heterogeneidade elementar** que está subsumida na reunião de indivíduos. Espaços públicos colocam ao abrigo à manifestação da individualidade e, portanto, oferecem condições para o reconhecimento das diferenças e encorajam ações afirmativas. Do ponto de vista político, espaços públicos respondem à questão

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

de saber como estabelecer um terreno de vida comum sem que para essa convivência precisemos renunciar às nossas diversidades em termos de opinião, vontades, valores, atitudes e formas de apresentação. [...] 3) o terceiro componente essencial dos espaços públicos diz respeito ao seu **poder comunicacional**. Uma vez que nos é garantida a legitimidade das diferenças individuais, estar junto sobre um mesmo espaço significa a possibilidade de exibir características próprias e independentes. Trata-se de um exercício veiculado a partir de uma infinidade de repertórios, verbais, gestuais, comportamentais, do vestuário, das formas de apresentação enfim, de tudo aquilo que produz significação social. A comunicação é ativada por compartilharmos um mesmo espaço. Por isso, espaços públicos convidam à observação e a vivência da alteridade. (GOMES, 2018, p. 117 e 118, grifo nosso)

Os espaços públicos da cidade possuem características essenciais para a promoção da vida pública urbana, apresentando-se como terrenos férteis para a realização de encontros e intercâmbios culturais. Logo, esses espaços são territorializados pelos MCs, DJs, grafiteiros, dançarinos e demais membros do Hip-Hop para se constituírem territórios integrantes da cena local. Nesse sentido, para Menezes e Cardoso (2017) a territorialização é um processo social constituidor de identidade política e ideológica para a formação cultural dos indivíduos. Em extensão, a territorialidade é a categoria que paira no campo da idealização almejada por aquele coletivo e firma-se no campo real pelo mantimento do território concreto.

Os territórios são articulados em rede, algo imprescindível para compreensão e análise dos fenômenos sócio-espaço-territoriais. [...] Para além, os territórios são campos de forças, são antes teias ou redes de relações sociais projetadas no espaço, no qual não se necessita de forte enraizamento material para que se tenha um território. (SOUZA, 2014, p. 86)

Sendo assim, o procedimento de formação territorial é resultante de um desenvolvimento gradual de uso e ocupação constituído por processos geográficos determinados de Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização (T-D-R). De acordo com Haesbaert (2014), a territorialização trata do desenvolvimento de territórios, a desterritorialização caracteriza-se pela perda de território de modo espontâneo ou forçado, causando o rompimento do controle das territorialidades pessoais ou coletivas, e, por fim, a reterritorialização é a prática de retomada ou conquista de novos territórios.

A prática de realizar encontros em espaços públicos acontece de maneira orgânica com a apropriação e fixação num determinado local através das manifestações artísticas, criando, assim, um exercício territorial que possui referência material e simbólica para a afirmação daquele grupo. Tal fato, na visão de Haesbaert (2004) é a gênese do território, pois criam-se vínculos identitários para com o território, sendo esse dotado de valor. Souza (2014) acrescenta que o território se qualifica como “o espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo, é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico e, nessa qualidade, indispensável fator de autonomia” (SOUZA, 2014, p. 108).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Este estudo será orientado pela ideia de território cultural ou simbólico-cultural fundamentada por Haesbaert (2004), na qual o espaço é permeado de identidade territorial, sendo carregado de significados simbólicos e subjetivos concebido através dos encontros, eventos e vivências possibilitadas pela cultura Hip-Hop e seus quatro elementos.

Procedimentos metodológicos

Metodologicamente, a presente pesquisa encontra-se fundamentada na corrente da Geografia Humanista Cultural, seguindo um método investigativo dedutivo por meio de uma abordagem qualitativa focalizando nos membros da cultura Hip-Hop a fim de compreender suas apropriações, usos, relacionamentos, conflitos e significados para a constituição dos territórios da cena na cidade de BH, sendo o espaço urbano considerado como verdadeiro palco de experiências e representações sociais. Para tal, o estudo apoia-se em dados secundários provenientes de pesquisas bibliográficas, estudos e literaturas, com destaque para as contribuições de Dayrell (2005) e Silva (2021). Além disso, foram realizados levantamentos documentais em buscadores online de distintas fontes, como sites de notícias, blogs, redes sociais, registros fotográficos, audiovisuais, *banners*, panfletos, *flyers* de eventos, músicas, documentos, notícias e reportagens, que abordam a história da cultura Hip-Hop na capital mineira ao longo das referidas décadas e, mais especificamente, elencados os espaços frequentados pelos seus adeptos e fatos relevantes desse processo de territorialização. Logo, as referências espaciais se tornaram as bases adotadas para o mapeamento dos territórios ocupados pelo Hip-Hop ao longo do tempo na capital mineira.

Para tanto, as informações qualitativas sobre os locais frequentados foram espacializadas, por meio do georreferenciamento, posicionando assim os territórios em distintos espaços da cidade lançando mão da plataforma *Google My Maps*. Posteriormente, esses pontos foram tratados no *software ArcGis 10.4* com o geoprocessamento e confecção dos *layouts* para os cartogramas temáticos de localização dos territórios compartimentados em duas décadas, são elas a década de 1990 (1990-1999) e a década de 2000 (2000-2009). Sobre a seleção das duas décadas supracitadas, ocorreu devido ao fato de que na década de 1990 constata-se a ascensão da cultura Hip-Hop local, com a afirmação dos territórios, e ao final desta referida década há o declínio da cena artística devido à pouca visibilidade no mercado cultural. Contudo, após esse período difícil, foi nos idos dos anos 2000 que a cultura Hip-Hop retoma sua notoriedade graças a parceria de antigos e novos representantes da cena.

Finalmente, para a realização das análises da evolução espaço-temporal dos territórios apoiou-se nas referências espaciais e não-espaciais contidas nas bibliografias e referências documentais que versam sobre o Hip-Hop local que elucidam a construção histórica, os traços da territorialização, os atores sociais e suas dinâmicas que caracterizam os territórios frequentados. Em suma, o presente artigo é tido como uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

prioridade investigativa pois apresenta a evolução das ocupações artísticas e sociais da cultura Hip-Hop belo-horizontina sendo base para responder questões futuras.

Os territórios da cultura hip-hop na década de 1990 (1990-1999s)

Para dar início às análises da evolução espaço-temporal da cultura Hip-Hop, é necessário contextualizar historicamente a formação desta cultura suburbana no contexto da cidade de Belo Horizonte. Como foi tratado brevemente na introdução, o Hip-Hop surge na década de 1980 com os bailes que ocorriam pela cidade. Nessa época, a cultura Hip-Hop esteve vinculada com a cultura Funk desenvolvendo conjuntamente suas trajetórias, por intermédio de seus respectivos gêneros musicais (Rap e Funk), no cenário artístico local representando a *black music*. Foi na década de 1990 que o Hip-Hop inicia sua trajetória independente, após a ruptura com a cultura Funk, por causa do propósito musical que os artistas almejavam. Em relação à ruptura, os adeptos do funk se identificavam com um ritmo mais dançante e despojado com a intenção de animar os bailes. Diferentemente, os rappers almejavam um conteúdo melódico mais comprometido com as questões sociais trazendo à tona as desigualdades e mazelas da periferia em canções com um teor de manifesto orientado pelo objetivo desta cultura (DAYRELL, 2005). Dito isso, foi a partir da década de 1990 que os membros do Hip-Hop passam a territorializar a cidade de maneira independente, justificando o recorte temporal proposto.

Figura 1: Mapa dos territórios da cena Hip-Hop belo-horizontina na década de 1990

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

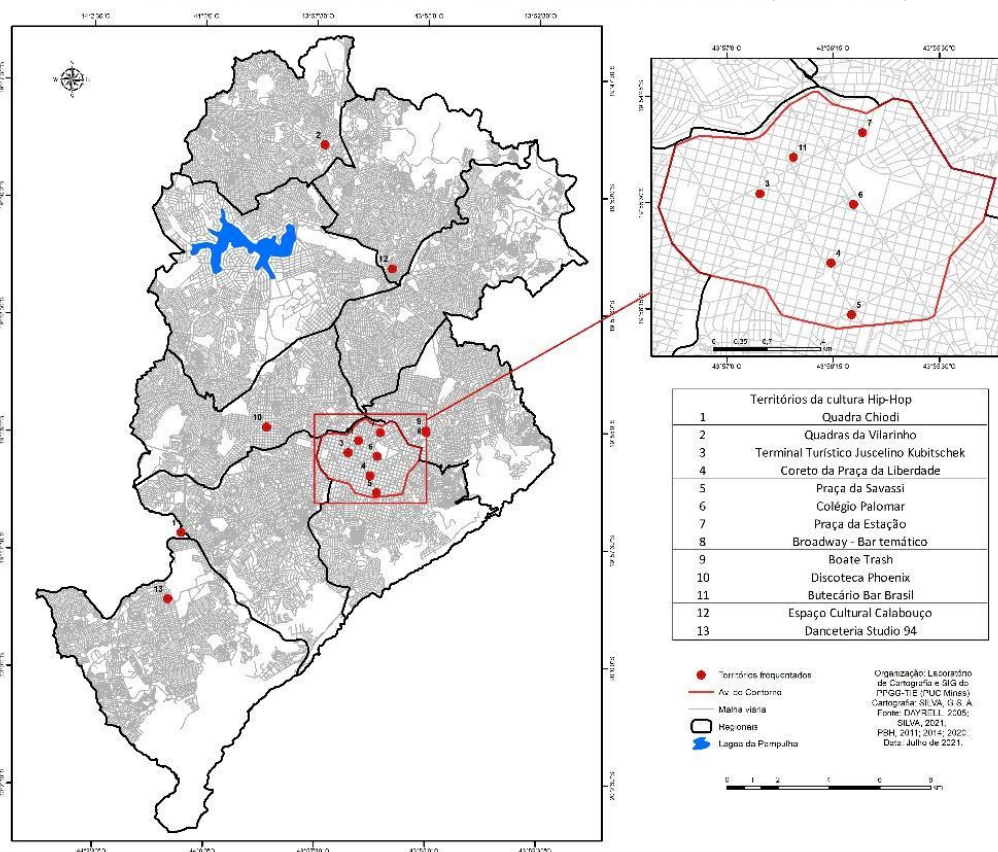
SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

TERRITÓRIOS DA CENA HIP-HOP BELO-HORIZONTINA (1990-1999s)



Elaborado pelo autor (2021)

Como pode ser observado no mapa acima (Figura 1) nota-se que os territórios utilizados para shows, práticas artísticas e encontros dos membros da cena Hip-Hop local no período da década de 1990 possuíam um quantitativo limitado, totalizando 13 territórios identificados, e se apresentavam afastados espacialmente uns dos outros. Ambos fatores se justificam devido às condições de comunicação naquela época, pois os membros da cultura Hip-Hop residiam em locais periféricos e espacialmente dispersos na cidade e, além disso, os meios de comunicação ainda eram limitados restringindo o contato. Em relação à comunicabilidade, em muitos casos, essa era efetiva somente entre os sujeitos residentes na mesma ‘quebrada’² ou pertencentes ao mesmo elemento e/ou coletivo. Resultando em uma cena bastante fragmentada no início da referida década.

Nesse sentido, os principais locais de encontros dos adeptos da cultura nesse período foram: o extinto Colégio Palomar, situado na Avenida Afonso Pena em frente ao Parque Municipal; a Praça da Savassi, denominada Praça Diogo de Vasconcelos; o Coreto da Praça da Liberdade; o Terminal Turístico Juscelino Kubitschek (Terminal JK); e a Praça da Estação, todos situados na região do hipercentro da capital. Tais territórios são

² Gíria que se refere ao local de origem do membro da cultura Hip-Hop.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
 SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022
 Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

considerados locais ótimos por causa da posição geográfica e a facilidade de acesso dos membros utilizando o transporte público como principal meio de locomoção. Contudo, houve desafios na territorialização desses locais. Segundo Dayrell (2005), para utilizar dos espaços supracitados, os integrantes do Hip-Hop passavam por sérias dificuldades por serem taxados de marginais, sendo reprimidos e até expulsos pelos proprietários e pela polícia, como foi o caso do Terminal JK, que foi proibido de ser ocupado.

Do ponto de vista artístico, em 1990 na capital mineira eram poucas as casas de shows, boates, danceterias e bares que recebiam eventos da cultura Hip-Hop, algo muito semelhante ao que acontecia em São Paulo e Nova York acerca da restrição de espaços para divulgação da arte de rua. Desta maneira, a alternativa para se manifestar eram os eventos públicos locais, como por exemplo as festas de rua, quermesses, eventos culturais, bailes e shows beneficentes. Sobre os bailes, esses aconteciam nas famosas Quadras da Vilarinho na região de Venda Nova e a Quadra Chiodi no bairro Madre Gertrudes, organizados pelos integrantes da *black music*, e nos eventos públicos anuais, com destaque para o “Arena da Cultura” e o “BH Canta e Dança”, esse último realizado em 1993 e reuniu cerca de 8 mil jovens na Praça da Estação.

De acordo Dayrell (2005) foi após os shows de Thaíde e DJ Hum em 1991 e o show do Racionais MC’s em 1995 que os artistas e membros da cultura Hip-Hop passaram a se conectar, havendo trocas efetivas que consolidaram a cena hip-hop belo-horizontina. Para além disso, os shows de artistas nacionais resultaram em uma maior visibilidade da cena com a criação de programas de rádio dedicado ao gênero rap, estúdios de gravação, surgimento de Fanzines, eventos dedicados à cultura de rua, a abertura de espaços culturais dedicados às culturas suburbanas e, conseqüentemente, o exponencial aumento dos adeptos à cultura Hip-Hop.

Acerca dos estabelecimentos que passaram a recepcionar shows do gênero rap, de acordo com Dayrell (2005) e levantamentos documentais *online*, foram mapeados os seguintes territórios: Broaday, um bar temático que se dedicava aos estilos *undergrounds* e localizado no bairro Santa Tereza; Boate Trash, atual Cine Santa Tereza; Butecário Bar Brasil, funcionava na sede do Sindicato dos Bancários (Sindiban) na região central; Discoteca Phoenix, localizada no bairro Padre Eustáquio, que recebia apresentações de *break dance*; Danceteria Studio 94, situada na região do Barreiro que realizava matinês sob o comando de DJs que tocavam clássicos da *black music*; e o Calabouço (figura 2), um dos principais espaços culturais das décadas de 1980 e 1990 para os artistas independentes locais e sua localização era no bairro Primeiro de Maio.

Figura 2: Matéria “Rap sacode o Calabouço” no Jornal Estado de Minas (1998)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



Fonte: Coletivo Bambata (2014)

Em relação aos estabelecimentos identificados, por meio do levantamento documental e pesquisas *online*, é importante destacar que em sua maioria estes se caracterizavam como ambientes ecléticos do ponto de vista musical. Tais locais recebiam apresentações artísticas de gêneros distintos e, conseqüentemente, o público se modificava a cada evento. Desta forma, é possível inferir a ocorrência de territorialidades fluídas com grupos identitários que territorializavam aqueles espaços durante um determinado período, prioritariamente quando ocorrem shows ou apresentações.

Além disso verifica-se a existência de espaços dedicados às culturas suburbanas, como era o caso do Butecário, Broadway e o Calabouço, demonstrando circunstâncias de apropriações diversas em tempos e ocasiões distintas, e, também, sobreposições territoriais com diferentes grupos pertencentes à cena *underground* frequentando o mesmo evento.

Os territórios da cultura hip-hop na década de 2000 (2000-2009s)

No final da década de 1990, os artistas da cultura passavam por duras penas com dificuldades de patrocínios, impossibilidade de gravação musical, aparelhagem precária, baixo retorno financeiro e invisibilidade no cenário artístico local (DAYRELL, 2005). Desta maneira, a segunda metade da década de 1990 se caracterizou como um período de declínio e perdurou até a virada da década. Diante desse cenário e a fim de reavivar a cena local, constata-se uma articulação no início dos anos 2000 entre os antigos e novos integrantes da cultura Hip-Hop belo-horizontina, mais precisamente MCs e DJs da cena, que se uniram para promover encontros quinzenais dos quatro elementos na Praça Sete de Setembro, uma das mais conhecidas praças da cidade. E, em consequência dessa

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

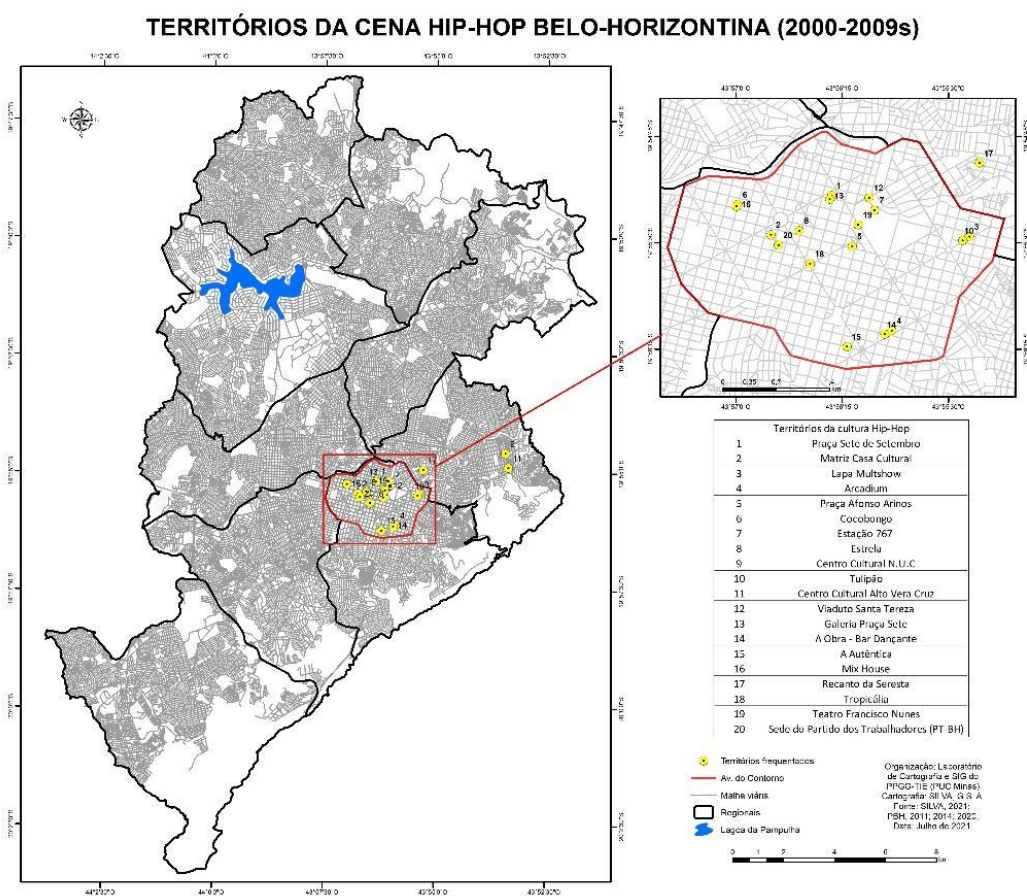
Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

mobilização, percebe-se a retomada das apropriações dos espaços públicos pela cultura Hip-Hop com destaque para a profusão rap *freestyle* (O SOM QUE VEM DAS RUAS, 2011).

Figura 3: Mapa dos territórios da cena Hip-Hop belo-horizontina na década de 2000



Elaborado pelo autor (2021)

É possível destacar duas circunstâncias espaciais resultantes desse processo de retomada das ocupações dos espaços públicos urbanos: primeiro, o incremento no número de territórios da cultura Hip-Hop na cidade; e segundo, diz respeito a tendência de centralização territorial com cerca de 85% dos espaços identificados se localizando na

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022
Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

região do hipercentro, como pode ser observado na figura 3. Desta maneira, os territórios centrais mais que duplicaram em comparação com a década de 1990, totalizando 17 lugares reconhecidos e frequentados pelos integrantes da cultura. Pode-se reforçar que a tendência de territorialização dos espaços centrais, sejam eles alternativos, marginais ou negligenciados, é priorizada pela cultura Hip-Hop devido a adesão da cultura e a posição geográfica no espaço urbano.

Prosseguindo com as análises acerca dos territórios na região central, verifica-se processos de desterritorialização e a reterritorialização de espaços públicos da cidade, como procedeu com a desocupação do Terminal JK, do Coreto da Praça da Liberdade, o saguão do Colégio Palomar e a Praça da Savassi, e o estabelecimento dos adeptos do Hip-Hop nas praças Sete de Setembro e Afonso Arinos, e no Viaduto Santa Tereza, demonstrando que o processo territorial é contínuo e repleto de alternâncias. Certos fatos justificam essas mudanças territoriais, como a proibição dos usos e fechamento de determinado local (como foi o caso do Colégio Palomar) e até a facilidade de deslocamento com a ressignificação de novos espaços, provocando novas conformações espaciais.

Como foi dito anteriormente, a disseminação do rap *freestyle* foi muito significativo para a consolidação desses novos territórios, pois os jovens se encontravam para a realização de batalhas de rima tornando uma ocasião de congregação entre os quatro elementos da cultura com a presença de MCs, DJs, b-boys e b-girls, e os grafiteiros resultando na unicidade da cena local (SILVA, 2021). Além disso, as batalhas tendem a cumprir a função de visibilidade para os novos MCs da cena, sendo um palco aberto e democrático para os jovens apresentarem sua arte da improvisação e divulgar seus trabalhos autorais. Em decorrência dessa visibilidade, os MCs adquiriram reconhecimento e participaram do evento ‘Liga dos MCs’ promovido pela empresa *Red Bull*, que movimentou a cena Hip-Hop local, resultando como reverberação o surgimento do ‘Duelo de MCs’ através da idealização e articulação do coletivo Família de Rua (O SOM QUE VEM DAS RUAS, 2011; SILVA, 2021).

Em princípio, os encontros aconteceram na Praça da Estação com periodicidade semanal e, após alguns meses, os integrantes da cultura passaram a se encontrar debaixo do Viaduto Santa Tereza, estabelecendo ali o Duelo de MCs. Desde o ano de 2007 e até os dias de hoje, o Viaduto Santa Tereza recebe os Duelos, encontros, shows, eventos e outras manifestações culturais e políticas do Hip-Hop, totalizando mais de uma década de cultura de rua. Desta forma, é unânime entre os membros desta contracultura a indicação do Viaduto Santa Tereza como o principal território do Hip-Hop belo-horizontino. Principalmente por ser um marco fundamental para a cena local, no que tange a apropriação dos espaços públicos da cidade.

Apoiando-se no mapa anterior (figura 3), é possível identificar o aumento no número de estabelecimentos culturais privados que passam a reconhecer e, conseqüentemente, proporcionar apresentações da cultura Hip-Hop, totalizando 12 locais.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

É fundamental destacar que, além dos espaços alternativos da cultura *underground* como Matriz Casa Cultural, Estrela, A Autêntica e A Obra, ocorre a expansão da cena Hip-Hop, se apresentando e territorializando em casas de show tradicionais da cidade, como foi o caso do Arcadium, Mix House e Lapa Multshow (figura 4). Sob outra perspectiva, distinguem-se dois territórios característicos da cena Hip-Hop local, ambos assinalados na região central, que configuram dois tipos de territorializações próprias desta cultura. São elas a Galeria Praça Sete, que representa um território comercial ocupado por lojas voltadas à artigos da cultura de rua, e a Sede do Partido dos Trabalhadores (PT-BH) que recepcionava eventos da cultura, simbolizando assim um território político.

Figura 4: Cartaz de divulgação do show do Julgamento no Lapa Multshow (2008)



Fonte: Duelo de MCs (2008)

Sobre os territórios mapeados na porção periférica da cidade, pontos 9 e 11, verifica-se dois centros culturais: o Centro Cultural N.U.C. e o Centro Cultural Alto Vera Cruz, ambos localizados na regional Leste. A posição geográfica desses espaços é estratégica, pois objetivam compor uma política de descentralização dos equipamentos públicos dentre as nove regionais da capital mineira a fim de atender um maior número de cidadãos, cumprindo a finalidade do direito à cultura, promoção da cidadania e valorização das identidades locais. Desta maneira, os centros culturais se tornaram territórios fundamentais para o Hip-Hop local, dando suporte aos quatro elementos, fomentando o surgimento de novos artistas e conservando essa cultura periférica.

Considerações finais

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

O presente estudo sobre a evolução espaço-temporal da cultura Hip-Hop na cidade de Belo Horizonte, apoiado em dados secundários e geoprocessamento, demonstrou efetivamente que houve demarcações territoriais significativas dessa cultura ao longo de duas décadas. Nesse sentido a hipótese é constatada pois, apesar dessa cultura suburbana enfrentar constantemente o preconceito e a invisibilidade decorrentes de uma visão discriminatória de determinados segmentos da sociedade, os integrantes do Hip-Hop buscam desde seu surgimento até os dias de hoje se desvencilhar desses estereótipos a fim de reafirmar cotidianamente a relevância de sua cultura e manifestações artísticas.

Para tanto, verificou-se que ao longo da década de 1990 os territórios se apresentavam dispersos por toda a mancha urbana da capital mineira, havendo a territorialização de espaços públicos e privados para realização de shows e demais eventos da cultura. Já nos anos 2000, houve o restabelecimento da cena Hip-Hop após um período de declínio na segunda metade de 1990, com a desterritorialização de antigos espaços e reterritorialização de novos locais demonstrando que o mantimento de territórios por essa contracultura trata-se de um processo contínuo e repleto de transformações. Devido esse processo, denominado por Haesbaert (2014) de T-D-R, foi constatado a ampliação no número de territórios e, conseqüentemente, sua aglutinação na porção central e pericentral da cidade.

Finalmente, é possível destacar que a cultura Hip-Hop ao longo do tempo tem conquistado cada vez mais espaço no cenário cultural e socioespacial das grandes metrópoles, como é o caso de BH, por meio de sua adesão junto às demais culturas *undergrounds* que objetivam reafirmar suas perspectivas críticas e contra hegemônicas ao mercado artístico. Logo, observa-se no espaço urbano a consolidação de locais alternativos que recepcionam os artistas e eventos do Hip-Hop. Por fim, ressalta-se que esse estudo visa fomentar o campo de estudos geográficos voltados a cultura Hip-Hop, desempenhando um certo diferencial acadêmico ao investigar a cena cultural da cidade de Belo Horizonte que servirá de base para estudos posteriores a fim de promover os debates acerca das culturas suburbanas e reafirmar as identidades artísticas negras e periféricas.

Referências bibliográficas

BORRI, Giovanna Teixeira. **Hip-Hop: Movimento Político-Cultural de resistência da juventude da periferia e sua inserção nos saraus**. 2015. 128f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed.UFSC, 3. ed., 2007. 456 p.

COLETIVO BAMBATA. Matéria do Estado de Minas sobre o festival “Calabouço Rap Festival” (1998). **Página do Coletivo Bambata (Facebook)**, 17 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/nrt55p9e>>. Acesso em: 29 out. 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

CONTADOR, António Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. **Ritmo e Poesia: Os Caminhos do Rap**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997. 288p.

CORRÊA, Roberto Lobato; Sobre a Geografia Cultural. **Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS)**, s.l., 2009. Disponível em: <<https://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2021.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 303p.

DUELO DE MCS. No intervalo das batalhas: Show do Julgamento no lançamento do disco 'No foco do caos'. **Blog Duelo de MCs**, 29 de maio de 2008. Disponível em: <<https://duelodemcs.blogspot.com/2008/05/no-intervalo-das-batalhas.html>>. Acesso em: 28 out. 2021.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GOMES, Carin Carrer. **O uso do território paulistano pelo Hip-Hop**. 2008. 158f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GOMES, Renan Lélis. **Território usado e movimento Hip-Hop: cada canto um rap, cada rap um canto**. 2012. 159f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GOMES, Paulo César da Costa. Espaço público, espaços públicos. Niterói: **GEOgraphia**, v. 20, n. 44, setembro-dezembro 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v1i44.a27557>>. Acesso em: 22 out. 2021.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. (Orgs.) **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Editora da UNIOESTE, 2004. 174p.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, pp. 165-206.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 1087p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 120p.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Leal, Sérgio José de Machado. **Acorda Hip-Hop: despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. 456p.

MACIEL, Luis Carlos. **Nova Consciência/Jornalismo Contracultural: 1970 – 1972**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. 240p.

MARTÍNEZ, Horacio Luján. Theodore Roszak (1933-2011) - Um contra-obituário. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 132, p. 151-156, 20 janeiro 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14349>>. Acesso em: 23 out. 2021.

MENEZES, Hilário José; CARDOSO, Eduardo Shiovone. TERRITÓRIO E TERRITORIALIZAÇÃO: questões conceituais para uma abordagem e leitura dos movimentos sociais. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, [S. l.], v. 18, n. 3, 2018. DOI: 10.33026/peg.v18i3.5140. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/5140>>. Acesso em: 23 out. 2022..

O SOM que vem das ruas. Direção: Daniel Veloso e Eduardo Zunza. Produção: G5 Filmes. Belo Horizonte: Família de Rua, 2011. 1 vídeo (34 min e 53 segs.). Disponível em: <https://vimeo.com/99645819>. Acesso em: 15 out. 2021.

OLIVEIRA, Denilson Araujo de. **Por uma significação geográfica do Movimento Hip Hop**. 2004. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

OLIVEIRA, Denilson Araujo de. **Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip Hop na metrópole carioca**. 2006. 172f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 104p.

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. **SONS DA RUA: os territórios e territorialidades dos rappers da cena Hip-Hop belo horizontina na última década (2010-2019s)**. 2021. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 77-116.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: As transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015. 177p.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

TURRA NETO, Nécio. Movimento Hip-Hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização. Juiz de Fora: **Revista de Geografia**, v. 3, n. Especial, p. 1-11, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17962>>. Acesso em: 20 out. 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Glaycon de Souza Andrade e. A TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE: uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 69-93, jul. 2022

Submissão em: 18/09/2021. Aceito em: 29/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons